

## **Corpos em transformação: experiências na formação técnica em dança na ETEC de Artes do Centro Paula Souza (SP)**

Júnia César Pedroso  
Mestre em Artes – UNESP  
Professora do curso técnico de dança da ETEC de Artes

Resumo: Este artigo apresenta em estudo sobre a formação no curso técnico de dança do Centro Paula Souza, criado recentemente na cidade de São Paulo. Sendo um curso com duração de três semestres (com vinte e cinco horas-aula semanais) e com estrutura curricular bastante ampla, aponta diversas possibilidades de desenvolvimento ao aluno. A pesquisa busca conhecer, através de um estudo de caso, as transformações (corporais, subjetivas, sociais) vividas por alunos já formados e interpretá-las a partir do conceito de experiência, trazendo à luz a ampliação da percepção do corpo e da compreensão de dança e arte, na sociedade contemporânea. Desta forma, propõe uma reflexão sobre o processo educativo em dança, como agente transformador do sujeito e da coletividade.

Palavras-chave: corpo, percepção, experiência, dança.

Eu queria continuar no palco eternamente, sabe? Ver a reação das pessoas sempre. Poder mudar, conscientizar as pessoas, até a mim, que também sou assim. Acho muito gostoso trabalhar com a sensação das pessoas”. (Laura, 17 anos)<sup>1</sup>

Este artigo pretende refletir sobre a formação no curso técnico de dança do Centro Paula Souza, criado recentemente na cidade de São Paulo, em um espaço marcado por uma história recente de opressão, angústia, morte: o antigo presídio do Carandiru, desativado em 2002. Em relação à sua estrutura curricular, trata-se de um curso amplo, permitindo ao aluno desenvolver noções de diversos modos de entender a dança, além de conhecer possibilidades de trabalho na área.

O curso engloba disciplinas práticas ligadas à consciência corporal e técnicas de dança, como Percepção e Contato, Dança Clássica, Dança moderna e contemporânea, Danças populares, de tradição, de rua, urbanas e étnicas, Técnicas e ensino de dança, Monitoramento de ensaios; disciplinas teóricas que fundamentam a prática corporal, como anatomia, fisiologia e cinesiologia, além de História, Análise e Crítica em Dança, Ética e Cidadania, Planejamento e Produção de espetáculos, Gestão de atividades em dança. Completam ainda o currículo as disciplinas de línguas (Linguagem, tecnologia e trabalho, Francês instrumental e Inglês instrumental), Planejamento e Execução de Trabalhos de Conclusão de Curso.

Analisando dados dos alunos que ingressam no curso, nota-se um perfil diversificado de vivências: balé clássico em diferentes escolas, dança contemporânea, danças de salão, experiências em teatro e alguns alunos praticamente iniciantes.

A pesquisa busca compreender qual o papel do curso na formação profissional em dança, considerando o curto tempo de sua realização, em apenas três semestres. O curso aponta

---

1 Todas as falas de alunos citadas no artigo referem-se a entrevista realizada em 30 de setembro de 2010.

caminhos de transformação individual e coletiva? Contribui para a formação de artistas atuantes, críticos e sensíveis às questões contemporâneas?

Um dos possíveis indicativos dos resultados deste percurso é a análise dos trabalhos de conclusão de curso. Para a realização de um estudo de caso, foi selecionado um dos TCCs realizados pela segunda turma de formandos (julho de 2010), orientado pelo professor Rogério Caserta e intitulado : *Não me toque! - efeitos da intervenção artística na metrópole*.

Dos cinco alunos que realizaram o trabalho, três concederam uma entrevista (Felipe Guedes, Laura Oliveira e Yasmin Berzin), respondendo a questões sobre o processo de elaboração do trabalho e as mudanças percebidas subjetivamente após a conclusão do curso.

Na verdade o que mais mudou foi a cabeça, o meu jeito de pensar, de entender aquilo que eu faço. Eu via a dança de um jeito muito fechado. E o curso abriu assim a minha cabeça, eu comecei a ver as coisas de um jeito diferente. Comecei a ter outros interesses e buscar novas coisas (Felipe, 18 anos)

Aprendi a usar a dança como uma forma de me expressar, não só como uma coisa técnica. (Yasmin, 18 anos)

Dessa forma, a dança parece ter ganhado um novo papel para estes alunos: a possibilidade de se expressar através da dança, diferentemente do pensamento anterior, da dança como a execução de uma técnica. Segundo Felipe, uma “mudança de cabeça”.

A escolha da intervenção como proposta de TCC surgiu dos próprios alunos, com base em duas necessidades: questionar a falta de contato entre as pessoas e possibilitar a fruição da dança num espaço público. Foram realizadas intervenções dentro de vagões do metrô de São Paulo, com registro em vídeo, seguidas de entrevistas. Posteriormente, os alunos criaram uma coreografia baseada nas intervenções e em suas próprias reflexões.

Segundo Laura, “A ideia era fazer com que as pessoas perdessem o medo interpessoal (...) porque hoje é muito: Olho você mas não te enxergo, sabe? Ou não te toco, tenho medo do contato.”

Essa percepção da dificuldade de contato entre as pessoas e de aceitação do corpo na vivência social instigou os alunos. Mas também produziu incertezas:

Acho que eu fiquei com muita vergonha, com muito medo, porque a gente não sabe que reação as pessoas vão ter. Tinha gente que olhava para a gente e começava a ter crise de riso, tinha gente que olhava para baixo e se fechava, tinha gente que ficava olhando e achando que a gente era louco, tinha gente que descia do metrô o mais rápido possível e ia embora, tinha gente que ignorava, tinha gente que se enfiava no livro...

Nesta fala, Yasmin relata o que sentiu e o que observou nas reações das pessoas diante do imprevisto, sobretudo o estranhamento produzido por corpos que se destacam dos demais e não se encaixam no padrão de movimentos esperado no lugar e contexto onde estão inseridos. Este aspecto da vivência do corpo em sociedade foi analisado por Foucault na sua

proposição de “corpos dóceis”, disciplinados, submetidos a rígido controle social.

Para Giddens,

o controle rotineiro do corpo é crucial para a manutenção do casulo protetor do indivíduo em situações de interação cotidiana. (...) O controle regular do corpo é um meio fundamental através do qual se mantém uma biografia da auto-identidade; e no entanto, ao mesmo tempo o eu está quase sempre 'em exibição' para os outros em termos de sua corporificação. (2002, p.58-59)

Assim, uma intervenção de dança em um espaço público questiona os padrões de movimento e o controle social sobre o corpo; esta tensão entre a possibilidade da experiência transformadora e a necessidade de proteção do eu produz sentimentos contraditórios.

Diz Felipe:

Para mim foi muito diferente, do mesmo jeito que para todo mundo que estava lá era muito estranho, ver uma pessoa fazendo uma coisa tão diferente assim, do que é o cotidiano das pessoas. Ver alguém dançando, alguém se jogando no chão do metrô. Então foi estranho para mim, da mesma forma que foi estranho para quem estava lá vendo. Mas foi muito bom, foi muito legal.

Com estas falas, os alunos-bailarinos declaram que viveram uma experiência muito singular. Uma experiência, no sentido fenomenológico, é

(...) o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, não o que acontece, não o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (...) A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, se prova. (BONDÍA, 2002, p.21)

A proposta da dança como intervenção se apresenta, assim, como uma experiência para quem a realiza e para quem a assiste. Para Jorge Larrosa Bondía, tomando o conceito de experiência proposto por Heidegger, o sujeito da experiência é um sujeito “alcançado, tombado, derrubado. Não um sujeito que permanece em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo a que se propõe ou que se apodera daquilo que quer” (BONDÍA, 2002, p.25). É um sujeito que se deixa transformar. Esta transformação, numa intervenção de dança, engloba o sujeito como um todo, sensação, percepção, pensamento, sentimento diante do novo.

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a o-posição (nossa maneira de opormos), nem a proposição (nossa maneira de propormos), mas a ex-posição, com tudo o que tem de vulnerabilidade e risco. Por isto é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe. (BONDÍA, 2002, p.25)

O risco: como as pessoas vão reagir? E a vulnerabilidade, a vergonha, o medo de se expor. Mas depois das primeiras experiências, os alunos-bailarinos dizem que não queriam mais parar, queriam continuar. Como seres humanos vivenciando uma experiência, os bailarinos se expõem e assim se transformam, compartilhando a experiência e não apenas propondo uma

apreciação.

O mais engraçado é que a gente pensa; pô, eu também sou assim, eu também não tenho consciência de quem eu sou... Acho que é mostrar mais nós mesmos para as pessoas, porque somos iguais a elas. (Yasmin)

Ao se expor, o bailarino se transforma e compartilha experiência com o outro (o público, o seu semelhante). O saber da experiência, de que fala Larrosa, tem pouco a ver com informação, mas sim com o modo de deixar-se transformar por aquilo que nos toca, em constante atrito com as demandas de controle e ajustamento aos padrões sociais. No trabalho da dança como intervenção, estes conflitos se tornam evidentes.

A intervenção serviu também ao propósito de tornar a dança mais acessível.

Diz Felipe:

é muito importante que as pessoas entrem em contato com coisas que são diferentes para elas, para elas poderem se acostumar. Porque muita gente fala: ah, as pessoas têm que ir ao teatro, as pessoas têm que ver arte e não sei o quê. Só que ninguém tem tempo e às vezes as pessoas não têm vontade. Então, se as pessoas não vão lá, então vamos levar para elas, onde é mais cômodo.

Nota-se, por essa fala, a consciência da necessidade de formação de público, a fim de tornar a dança algo mais presente no cotidiano coletivo e assim ser compreendida, apreciada e compartilhada.

Para esses alunos, o curso parece ter sido uma oportunidade de ampliação de perspectivas em relação ao que se entende por dança e às suas possibilidades de inserção na sociedade contemporânea, de forma crítica e reflexiva. Mais do que desenvolver um aprendizado técnico ou um arsenal de conhecimentos vinculados ao corpo, este grupo de alunos pôde repensar, transformar, reorganizar seus conceitos e valores acerca da arte e da dança.

Considerando esse pequeno universo do estudo de caso, supomos que o curso pode ter como objetivo, além do aprimoramento técnico, possibilitar novas experiências, que apontem caminhos para a atuação dos alunos formados, com consciência das questões do corpo na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, jan-abr, n 019. Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. SP, Brasil, pp 20-28.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. RJ; Jorge Zahar Ed., 2002.